

Nota de leitura

GIANNATTASIO, Gabriel. *Sade, um anjo negro da modernidade*. São Paulo:Imaginário, 2000, 206p..

Daniela Casoni Moscato¹

O livro *Sade, um anjo negro da modernidade* é prova de que o 'divino Marquês' –nome pelo qual Sade passou a ser chamado pela geração de artistas surrealistas – e suas reflexões, produzidas no século XVIII, ainda são capazes de seduzir os leitores. Esta percepção impõe-se a toda análise que se faça da obra de Giannattasio, pois nela é difícil distinguir a voz do Marquês daquela do próprio autor.

Na obra, dividida em oito tópicos, Giannattasio convida-nos a participar de um banquete muito particular – não nos esqueçamos de que o banquete é um componente fundamental do imaginário libertino – pois os convidados deste formam a legião dos 'anjos negros da modernidade'. E é neste singular repasto que o autor apresentará sua tese: Sade romântico.

Este romantismo latente permeia, sutilmente, todo o texto e as análises do autor. E o banquete é tomado aqui como a metáfora do teatro das idéias, ou para ser mais claro, como se cada convidado tivesse sido chamado pelo autor para dissertar sobre Sade ou sobre as questões fundamentais do pensamento sadeano. Pouco importa a variação dos temas: historiográficos, metodológicos, filosóficos. A polêmica e a contradição são os fios que vão alinhavando e construindo um mosaico de vozes. No tópico derradeiro, denominado *Sade Romântico*, a proposta alcança seu clímax, como se ali encontrássemos as respostas deste jogo de enigmas proposto no início do livro.

¹ Mestranda do curso de História da Faculdade de Letras e Ciências Humanas da Universidade Estadual Paulista – Unesp – Assis. CEP: 19800-00, São Paulo, Brasil. historiar@onda.com.br

As reflexões acerca do pensamento sadeano e sua relação com o romantismo circunscrevem-se, sobretudo, ao campo da história das idéias e da história da leitura. Inserido nestes territórios, o autor sente-se à vontade para realizar os mais arbitrários deslocamentos temporais. As idéias assim se comunicam para além dos diques da temporalidade clássica. Não será estranho, então, reconhecermos Sade comunicando-se com os sofistas, epicuristas e estóicos da antiguidade grega: as idéias e o pensamento voam! Menos estranho ainda, será vê-lo identificado ao movimento romântico, mas não àquele romantismo datado, piegas e historicamente circunscrito ao século XIX. Não! As afinidades do pensamento sadeano são com os princípios do 'Tempestade e Ímpeto' de Goethe (1749-1832), Schiller (1759-1805), Herder (1744-1803), Hamann (1730-1788) e Lenz (1751-1792). Sem dúvida alguma, trata-se de um trabalho que não pode ser lido a partir dos lugares comuns da história, como por exemplo: a distância entre sujeito e objeto do conhecimento; a pesquisa histórica como investigação da verdade; a história como mestra da vida.

Uma das questões que permite considerar Sade um romântico deve-se, especialmente, a uma dada concepção do romantismo, vista por Giannattasio e outros historiadores das idéias – como por exemplo Isaiah Berlin, autor de um trabalho inédito no Brasil intitulado 'Le radici del romanticismo' – como um movimento rebelde e plástico, passível de ser reconhecido em diferentes temporalidades humanas. A força que estaria na origem do romantismo é exatamente a compreensão da vida como movimento, mudança incessante e marcada pelo paradoxo, ou seja, pela impossibilidade da existência ser guiada pela verdade. Por isto Sade só pode ser reconhecido por meio da multiplicidade de suas máscaras. Nesse sentido, as análises de Eliane Robert Moraes acerca de Sade – fartamente utilizadas pelo autor – colaboram, não apenas para a compreensão do pensamento sadeano (como apropriação da cultura Iluminista no sentido de subvertê-la), como indicam um caminho singular aos estudos que pretendem *compreender e entender*

Sade. Um método tão particular quanto o do próprio Marquês: interpretar Sade por meio de um pressuposto que seria indicado por ele próprio. Para que esse método seja possível, Giannattasio insiste nos elementos que a narrativa revela e que não podem ser compreendidos fora das relações obra/autor (por isto a necessidade de se trabalhar com as obras completas) e leitor/obra. A alcova sadeana se constituiria assim no único espaço possível de aplicação deste método, pois nela as idéias devem ser avaliadas, submetidas ao corpo, e é este último – o corpo – que detém o poder da última palavra, ou seja, Sade propõe a inversão do método platônico.

Todavia, percebe-se, no decorrer da obra, que o caminho metodológico escolhido pelo autor – compreender as reflexões sadeanas pelas pistas que se apresentam nas correspondências ou nas personagens de suas narrativas – está apoiado em várias interpretações e análises acerca do pensamento sadeano e da crítica literária, mesmo naquela não especializada em Sade. Na verdade, a própria singularidade do objeto – que efetivamente é atravessado por uma pluralidade de interpretações – conduziu e justificou a escolha do método, mesmo que esse não se faça visível em alguns momentos da análise.

Lançando mão destes recursos, o autor amplia o quadro de troca e comércio das idéias estabelecendo um diálogo entre a reflexão filosófica sadeana e temporalidades históricas outras. Não é inoportuno repetir que tais temporalidades transcendem os limites biográficos e cronológicos circunscritos ao século XVIII. Desta forma, pode-se reconhecer, no capítulo intitulado *Leitores e Leituras de Sade*, as marcas que a literatura sadeana deixou nos séculos XIX – particularmente na geração dos românticos franceses – e no século XX – por meio da apropriação surrealista de Sade.

Já as matrizes do pensamento sadeano começam a se tornar mais claras no capítulo denominado *O Absoluto e o Contraditório*. É nele que a figura transgressiva de Sade começa a se tornar visível. Aqui Sade começa a aparecer como um interlocutor crítico da erudição Enciclopédica e passa a ser descrito como uma espécie de filósofo anti-Iluminista que opõe ao plano das certezas racionais e às

tensões da ambigüidade e do paradoxo. A clareza do traço reto se desagrega na lógica sadeana num caleidoscópio de sensações. E só por meio de um exercício da imaginação – tão cara aos românticos – que é possível superar os paradoxos da existência: ‘todo prazer está na imaginação’, afirma Sade. Desta forma, opõe – em seu modo muito particular de pensar – a imaginação à razão, a poesia à ciência, a natureza à Deus.

Sem dúvida alguma, o capítulo nomeado *O Absoluto e o Contraditório* ocupa um lugar chave na análise de Giannattasio, pois ele servirá de guia aos capítulos seguintes, *Deus e Natureza* e *Razão e Imaginação*. A filosofia, com Sade, reconquista sua dimensão perdida, volta a ser um *Pharmacon* da existência. Perseguindo esta idéia, Giannattasio nos faz ver que o laboratório sadeano não é composto por anjos ou diabos, Lúcifer ou arcanjos, virtuosos ou viciosos, porque nada está fora da alcova libertina – e isto explicita a simpatia nutrida por Sade pelos banquetes orgiásticos, pois, à mesa de tais banquetes toda força se faz presente.

Quem não é capaz de lançar um olhar à nossa contemporaneidade e de reconhecer nela o argumento da força, ao invés da força do argumento? Ora, mas isto é histórico e a crueldade é o sentimento mais genuinamente humano. Pois bem, a filosofia de Sade nasce para desnudar o coração do homem e mostrá-lo na sua mais íntegra hipocrisia. O pensamento sadeano quer declarar aquilo que se oculta sob a astúcia das belas palavras, dos nobres gestos, das boas intenções.

E por mais paradoxal que possa parecer é deste lodo existencial que nasce o Sade romântico, pois é preciso ter vontade suficiente para olhar-se no espelho e dizer: isto é humano! Reconheço em mim todos os vícios e todas as virtudes do mundo e não posso e nem quero me purificar e, por ser e pensar assim, sou mais homem do que os homens, sou mais deus do que o vosso Deus!

Os personagens se confundem... Quem fala em mim? O resenhado, o objeto do resenhado, os comentadores do objeto do resenhado, ou será que também eu – seduzida pelo marquês – sentei-me à mesa deste banquete?